

José Pedro Aguiar-Branco
Ministro da Defesa Nacional

**Intervenção do Ministro da Defesa Nacional por ocasião das
Cerimónias de 93º Aniversário do Dia do Armistício, 88º
Aniversário da Liga dos Combatentes e 37º Aniversário do Fim
da Guerra do Ultramar**

Lisboa, 11 de Novembro de 2011

*Apenas o texto proferido faz fé
Check Against Delivery
Seul le texte prononcé fait foi
Es gilt das gesprochene Wort*

Senhor Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas
Senhor Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional
Senhor Chefe de Estado Maior da Armada
Senhor Chefe de Estado Maior da Força Aérea,
Senhor Vice Chefe de Estado Maior do Exército
Senhor Presidente da Liga dos Combatentes,
Minhas senhoras e meus senhores,
Soldados portugueses,
Combatentes,

Esta é a cerimónia mais importante que presido desde que sou Ministro da Defesa.

É mesmo a cerimónia mais importante a que qualquer Ministro da Defesa pode presidir.

Lembramos, hoje, os dias dos armistícios. Os dias da paz.

Lembramos, hoje, sobretudo, os milhares e milhares de soldados portugueses a quem tudo foi exigido.

Lembramos os que voltaram. Os que ficaram deficientes ao serviço das Forças Armadas e em nome de Portugal. E aqueles que não regressaram.

Lembramos, hoje, as campas por marcar em quatro continentes.

Mas lembramos, também, o excepcional trabalho desenvolvido nos últimos 88 anos pela Liga dos Combatentes.

Temos a ideia de um Portugal calmo, tranquilo e pacífico. Onde a guerra parece um cenário longínquo, uma realidade distante tirada dos livros.

Mas olhamos para esses mesmos livros e não é isso que lá está.

Em cem anos combatemos em mais de uma dezena de países. Das montanhas do Afeganistão aos cenários de África. Da Flandres às cidades indianas.

Cem anos. Três gerações de soldados. Milhares e milhares de combatentes. Poucas famílias portuguesas não terão, no livro da sua história, um militar, um sacrifício ou um acto de heroísmo.

E isso acontece porque quem esteve na guerra da Flandres foram os soldados que antes eram agricultores, comerciantes, empregados de escritório.

Porque quem esteve na guerra colonial é o nosso amigo de infância, o nosso vizinho de hoje.

E ainda que a realidade esteja tão próxima de nós, à nossa frente, ou lá fora ao nosso lado, fala-se das guerras e de quem lá passou quase sempre com um complexo. Quase sempre com um preconceito histórico e com uma indiferença humana.

Cem anos. Três gerações de soldados. Mais de uma dezena de territórios.

Poucos países do Mundo exigiram tanto a tantos. E ainda menos países no Mundo deram em troca, tão pouco a esses tantos.

Entre 1918 e 1974, datas que hoje assinalamos, distam mais de 50 anos de distância mas são poucas as diferenças que as separam.

Dos soldados do corpo expedicionário, que foram esquecidos durante a primeira guerra em território belga, aos soldados da guerra colonial, que foram esquecidos depois da guerra em pleno território português...

Os soldados que aqui vejo hoje são portugueses.

Iguais a todos os outros, com vidas como todos os outros e com deveres e direitos como todos os outros.

Mas foram cidadãos com deveres maiores. A quem, num determinado momento da história, lhes foi exigido o maior dos sacrifícios em nome dos outros. O da própria vida.

Como vosso ministro, como cidadão, a quem isso nunca foi exigido, tenho a honra e o privilégio de vos transmitir esta palavra.

Não de dívida, porque uma dívida assim não se salda. Não de gratidão, porque a gratidão não chega. Mas de profundo respeito e consideração.

Três gerações de soldados. Os nossos soldados. Os nossos combatentes.

Um país que vive mal com o seu passado está condenado a viver mal o seu presente e a ser descrente quanto ao seu futuro.

Eu honro a história do nosso passado, enfrento a dificuldade do nosso presente e por isso confio na nossa capacidade de vencermos o futuro.

Minhas senhoras e meus senhores,

Soldados portugueses,

Combatentes

De todos os méritos, de todas as missões, de todos os sacrifícios, não há feito maior das Forças Armadas, em nome da República, que o feito da liberdade e da democracia.

Disse, em Bragança, no dia do Exército, que a República deve-vos a democracia.

Digo-vos hoje que a democracia não se fez apenas numa madrugada. Por mais brilhante que tenha sido. A democracia não se fez. Faz-se.

Constrói-se todos os dias. Constrói-se ainda hoje. E constrói-se também amanhã...

Não no direito à manifestação, que a todos os cidadãos portugueses é consagrado, mas na forma como esse direito é exercido.

A democracia não tem senhorios. Este património, este legado, que dignifica as Forças Armadas, não tem dono e muito menos porta-vozes.

O património das Forças Armadas não é propriedade de associações profissionais.

O património das Forças Armadas não é, nem pode ser, diminuído à condição de argumentário num qualquer debate sindical ou sócio profissional.

O património das Forças Armadas não pode nunca, mas mesmo nunca, ser manchado pelo reaccionarismo de alguns.

Sei, sabemos todos, que as Forças Armadas, os seus militares, os nossos soldados, não se confundem com palavras de alguns ou com as intenções de outros tantos.

Sei, sabemos todos, que os soldados portugueses não são políticos, não são dirigentes sindicais, não são funcionários públicos.

Os soldados portugueses são cidadãos.

Com deveres maiores, responsabilidades maiores, a quem são sempre exigidos sacrifícios maiores.

E é por isso que são soldados. As Forças Armadas são o último garante da liberdade.

A liberdade de expressão que permite a qualquer cidadão exprimir a sua opinião.

Mesmo aqueles cidadãos que no passado tentaram limitar essa liberdade. Mesmo aquelas opiniões que, por insensatas, merecem o repúdio das pessoas de bem.

Aos soldados de ontem, a República reconhece-vos o extraordinário feito. Aos soldados de hoje a República pede-vos que o honrem.

Que o dignifiquem. Se uns conquistaram a democracia outros têm de a construir. Todos os dias. Nas palavras e nos actos.

E construir a democracia, hoje, impõe que vençamos o desafio de reequilibrarmos as contas públicas que nos restitua a capacidade de sermos senhores do nosso destino. Nos restaure o orgulho de ser português.

Soldados...

O teatro de operações é complicado. A missão a que nos propomos cheia de riscos. E os meios escassos. Mas para salvar Portugal faremos tudo o que for necessário.

Como, no passado, outros, por nós isso fizeram.

Só sairemos vitoriosos se todos estivermos do mesmo lado da trincheira. Conscientes das dificuldades, mobilizados para a acção e solidários nas dificuldades.

É essa a nossa trincheira. Juntos vamos escrever mais uma página vitoriosa da nossa história.

Este ministro pede-vos sacrifícios mas não vos abandona.

Disse